

**A VARIAÇÃO PRONOMINAL DE SEGUNDA PESSOA:
CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA
O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

THE SECOND PERSON PRONOMINAL VARIATION:
SOCIOLINGUISTICS CONTRIBUTIONS FOR PORTUGUESE TEACHING

Lilian Coutinho Yacovenco | [Lattes](#) | lilianyacovenco@yahoo.com.br
Universidade Federal do Espírito Santo

Juliana Rangel Scardua | [Lattes](#) | juliana.scardua@hotmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo | CAPES

Resumo: A tradição gramatical registra *tu* e *vós* como pronomes de segunda pessoa do caso reto. No português brasileiro, contudo, há a variação *tu/você* e a substituição de *vós* por *vocês*. Neste artigo, sabendo do distanciamento existente entre o funcionamento da língua e o ensino escolar de Língua Portuguesa, apresentamos a visão de gramáticos tradicionais e livros didáticos para, em seguida, refletir, com base na perspectiva teórica da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008), sobre como esse fenômeno variável pode ser abordado no ensino médio, de modo que contemple as diversas variedades linguísticas.

Palavras-chave: Variação linguística; Pronomes de segunda pessoa; Ensino de Língua Portuguesa.

Abstract: The grammatical tradition registers *you* (*tu*) and *you* (*você*) as personal nominative pronouns. In Brazilian Portuguese, however, there is the variation *you/tu* and the substitution of the plural form *you - plural* (*vós*) to *you - plural* (*vocês*). In this article, which is based on variationist sociolinguistics (LABOV, 2008), considering the distance between the language use and the Portuguese Language school teaching, we discussed traditional grammarians and textbooks to reflect how this variable phenomenon can be approached in Portuguese teaching, so that it contemplates diverse linguistic varieties.

Keywords: Linguistic variation; Second person pronouns; Portuguese language Teaching.

Introdução

A língua é heterogênea e diversificada, o que significa dizer que toda e qualquer língua natural não é usada por todos os indivíduos da mesma forma. Todavia, nos termos labovianos, a heterogeneidade pode ser sistematizada ou, em outras palavras, a variação linguística não é aleatória, mas fortemente ordenada em termos linguísticos e/ou sociais (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008; MEYERHOFF, 2006). Assim, a partir de pesquisas sociolinguísticas sobre fenômenos variáveis, notamos um distanciamento entre o vernáculo e a norma padrão registrada e preconizada pela tradição gramatical, que prega a homogeneidade linguística.

Com relação ao sistema pronominal do português brasileiro (doravante PB), por exemplo, a língua, em seu uso efetivo, nem sempre segue o que é assinalado pela tradição gramatical. Antes composto pelos pronomes *eu, tu, ele(a), nós, vós, eles(as)*, o quadro pronominal passou por mudanças: houve a substituição de *vós* por *vocês*, sendo o primeiro mantido apenas em situações comunicativas específicas, como no discurso eclesiástico. Houve também a inserção das formas *você*, para a segunda pessoa do singular, e *a gente*, para a primeira do plural, ambas advindas de formas nominais. Dessa maneira, tendo em vista as mudanças ocasionadas nesse sistema em decorrência da entrada de *você/vocês* (cf. LOPES; MACHADO, 2005; LOPES, 2007, 2008), o presente trabalho¹, sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), objetiva observar como a tradição gramatical e os livros didáticos tratam o assunto, bem como apresentar diferentes dimensões que podem ser abordadas no ensino escolar dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular tendo como base a concepção laboviana de língua como sistema variável. Em nossas discussões, embora pontuemos, em alguns momentos, questões relacionadas a outras funções sintáticas, vamos versar, principalmente, sobre o uso das formas pronominais *tu/você* na posição de sujeito, conforme ilustrado nos casos relacionados abaixo, extraídos de cartas pessoais de um missivista capixaba:

a) **TU:**

- (1) “**Tu** és muito má, sabes?” (Carta de Oswald Cruz Guimarães para a esposa, datada de 11 de dezembro de 1919)
- (2) “**Terminas** a tua carta falando em tomar-me tempo e causar-me prejuízo.” (Carta de Oswald Cruz Guimarães para a esposa, datada de 05 de julho de 1916)

¹ Este artigo foi elaborado a partir das discussões realizadas no Trabalho de Conclusão de Curso de Juliana Rangel Scardua, orientado pela Prof.^a Lilian Coutinho Yacovenco.

b) VOCÊ:

- (3) “**Você** também tem muito gênio, não é?” (Carta de Oswald Cruz Guimarães para a esposa, datada de 19 de maio de 1917)
- (4) “Acaso não **está** bem certa do meu amor?” (Carta de Oswald Cruz Guimarães para a esposa, datada de 12 de julho de 1916)

Para isso, nas próximas seções, faremos uma breve exposição do histórico das formas de referências à segunda pessoa do singular no PB; apresentaremos as visões de gramáticos tradicionais e de livros didáticos para ensino médio em relação ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular; e, por fim, iremos refletir como esses pronomes podem ser abordados no ensino médio com base em dados da língua em uso.

1 Os pronomes de segunda pessoa no português brasileiro

O sistema pronominal do português, em sua origem, segundo Cintra (1972), não possuía formas nominais. A referência à segunda pessoa do singular poderia ser feita pelos pronomes *tu* ou *vós*, usados, respectivamente, em situações de intimidade e de distanciamento interacional.

Conforme apontam Faraco (1996) e, posteriormente Lopes e Duarte (2003), após a entrada de formas nominais para se dirigir ao interlocutor, o sintagma *Vossa mercê*, inicialmente destinado apenas ao rei, passa, no fim do século XIV, a ser utilizado como forma de tratamento a outros membros da nobreza e, no século XVI, foi expandida a membros da burguesia.

Com o avanço do processo de gramaticalização, houve uma redução fonética de *Vossa mercê* > *você*. O uso de *você* se concentrava, então, nas relações assimétricas descendentes, ao passo que a forma *Vossa mercê* era recorrente nos contextos assimétricos ascendentes (RUMEU, 2013; LOPES, 2008). Além disso, nesse período, no PB, iniciou-se a queda do pronome *vós*. No século XVII, há uma ampla diminuição deste pronome, que, hoje, no PB, tem seu uso restrito, conforme anteriormente dito, a algumas situações eclesiásticas.

A partir do século XIX, no PB, segundo Lopes e Duarte (2003), a forma nominal *você* passou a concorrer com *tu*, sendo as mulheres as responsáveis pela inserção da forma inovadora. Apesar de alternar com *tu* em contextos solidários e íntimos, no século XX, *você*, segundo Rumeu (2013), ainda apresenta resquícios de formalidade – caráter indireto – advindos da forma original *Vossa mercê*.

É importante ratificar que no PB *você* é a forma mais recorrente, a que está presente em praticamente todo o território nacional. É a forma utilizada para tratamento solidário e íntimo, em atos diretivos simétricos. Contudo, conforme apontado por Lopes et al. (2009), no Rio de Janeiro, na variação *tu/você*, o primeiro é utilizado em atos diretivos de maior proximidade, para marcar maior intimidade ou proximidade com o falante. Por outro lado, o pronome *você*, a forma mais frequente, é considerada pelos autores como não-marcada, usada com valor social neutro, para manter distanciamento entre os falantes.

Scherre et al. (2015), ao analisarem a variação *tu/você/cê/ocê*, observam que *você* é o pronome utilizado em todo o território brasileiro, havendo, hoje, uma ampla região em que não há uso de *tu*. Os autores, após a análise de inúmeras pesquisas sociolinguísticas a respeito da segunda pessoa do singular, propõem a existência de seis subsistemas acerca dessa variação: (1) só *você* – uso exclusivo de *você*. Este subsistema é o mais amplo e se concentra na área central do Brasil, incluindo diversos estados brasileiros, entre eles Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, região Centro-Oeste e Tocantins; (2) mais *tu* com concordância baixa – uso de *tu* acima de 60% e concordância abaixo de 1%. O estado do Rio Grande do Sul e parte do Amazonas são os que possuem este subsistema; (3) mais *tu* com concordância alta – uso de *tu* acima de 60% e concordância entre 40 e 60%. Os estados do Pará e parte de Santa Catarina são os que possuem este subsistema; (4) *tu/você* com concordância baixa – uso de *tu* abaixo de 60% e concordância abaixo de 10%. O estado do Tocantins e parte dos do Maranhão e de Santa Catarina são os que possuem este subsistema; (5) *tu/você* com concordância média – uso de *tu* abaixo de 60% e concordância entre 10 e 39%. Este subsistema é característico de muitos estados do Nordeste brasileiro (Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco), parte do Amazonas e de Santa Catarina; (6) *você/tu* - uso de *tu* entre 1 e 90% sem concordância. Esse subsistema é encontrado no Distrito Federal, em localidades dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Roraima e Acre (SCHERRE et al., 2015, p. 138-139; 142-143).

Como podemos perceber, a variação dos pronomes *tu/você* no PB atinge a todo o território nacional, havendo, em uma parte considerável, a total substituição de *tu* por *você*. Entretanto, como veremos adiante, os livros didáticos não contemplam esse aspecto, fato que deve ser apreciado no ensino de língua portuguesa, uma vez que é necessário que o estudante tenha conhecimento de sua própria língua, com todas as suas variações e usos.

É preciso também considerar que o pronome *você*, advindo de um sintagma nominal, portanto, de terceira pessoa, ocorre com a desinência zero de terceira pessoa. Contudo sua referência é de segunda pessoa do discurso, isto é, relaciona-se à pessoa com quem se fala. Dessa forma, é comum, no PB, o uso de *você* com as formas *te* e *teu*, fato que é visto com restrições nos livros didáticos. Entretanto, nas palavras de Lopes (2008), o PB é formado por um quadro pronominal misto que reflete o sincretismo entre os paradigmas dessas duas pessoas do discurso. Em outras palavras, no plano discursivo, *você* é um pronome de 2ª pessoa do discurso, porém, gramaticalmente, comporta-se como um pronome de 3ª pessoa, com a forma verbal, portanto, de 3ª pessoa. Dessa forma, é comum haver uma confluência entre formas de 2ª e 3ª pessoas.

Atualmente, portanto, a forma *você*, assim como seu plural (*vocês*), que substituiu *vós*, está completamente inserida no quadro pronominal do PB. A inserção dessa forma inovadora no sistema pronominal, contudo, ocasionou, segundo Lopes (2008), algumas modificações no funcionamento desse sistema:

Você e *tu* coexistem no singular e *vocês* é praticamente categórico no plural na posição de sujeito, nas demais posições, contudo, nem o pronome complemento *o/a/os/as* nem o possessivo *vosso* se mantiveram produtivos, em seu lugar, se empregam com maior frequência *te* variando com *você*, *lhe* e objeto nulo; *teu/tua* variando com *seu/sua*, *de você(s)* e flexões e o uso do imperativo formado a partir do presente do indicativo (imperativo de 2ª pessoa) variando com o de subjuntivo (imperativo de 3ª) (LOPES, 2008, p. 3).

2 Os pronomes de segunda pessoa na prática escolar: a tradição gramatical

Os pronomes pessoais fazem referência às pessoas do discurso, sendo a primeira relativa a quem fala; a segunda, com quem se fala durante uma situação comunicativa. A terceira pessoa é relativa à pessoa de quem se fala. Para Bechara (2009, p. 164), os pronomes pessoais dizem respeito a duas pessoas do discurso e à não-pessoa.

A tradição gramatical não apresenta de forma única o quadro pronominal, havendo divergências entre os gramáticos. Para Cunha e Cintra (2001), o quadro pronominal de segunda pessoa é composto pelos pronomes *tu* e *vós*, sendo a forma *você* classificada como pronome de tratamento. De maneira análoga, Bechara (2009) restringe a segunda pessoa do discurso aos pronomes canônicos e rotula *você* como forma pronominal de tratamento ou forma substantiva de tratamento utilizada em contextos familiares.

Quadro 1. Pronomes pessoais do caso reto segundo Cunha e Cintra e Bechara

Pessoa gramatical	Pronomes pessoais retos
1ª pessoa do singular	Eu
2ª pessoa do singular	Tu
3ª pessoa do singular	Ele, Ela
1ª pessoa do plural	Nós
2ª pessoa do plural	Vós
3ª pessoa do plural	Eles, Elas

Fonte: Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009).

Conforme Cunha e Cintra (2001), a forma *você* está presente na fala da maioria dos falantes brasileiros, enquanto o uso de *tu* ocorre apenas nas regiões Sul e Norte do país. No entanto, essa afirmação não reflete, como visto anteriormente, o funcionamento da língua, uma vez que as pesquisas sociolinguísticas têm mostrado que há muito mais áreas que possuem a variação *tu/você* (cf. SCHERRE et al., 2015).

Sem tecer comentários acerca da utilização dos pronomes pessoais, Bechara (2009) apenas registra que, em decorrência do desaparecimento do pronome *vós*, emprega-se a forma *vocês* como plural de *tu*.

Rocha Lima (2011), por outro lado, reconhecendo a variação pronominal existente no PB, apresenta *você* como pronome pessoal e ressalta que ele “pertence realmente à 2ª pessoa, isto é, àquela com quem se fala, posto que o verbo com ele concorde na forma de 3ª pessoa” (ROCHA LIMA, 2011, p. 386).

Quadro 2. Pronomes pessoais do caso reto segundo Rocha Lima

Pessoa gramatical	Pronomes pessoais retos
1ª pessoa do singular	Eu
2ª pessoa do singular	Tu, Você
3ª pessoa do singular	Ele, Ela
1ª pessoa do plural	Nós
2ª pessoa do plural	Vós, Vocês
3ª pessoa do plural	Eles, Elas

Fonte: Rocha Lima (2011).

Em síntese, notamos que as gramáticas tradicionais, circunscritas à exposição da relação dos pronomes pessoais, não se preocupam com o uso efetivo da língua. Apresentam

apenas informações simplificadoras sobre o uso e, portanto, insuficientes para o conhecimento do funcionamento desse fenômeno linguístico variável no PB. Cabe ressaltar, também, que tratam apenas de um sistema visto como homogêneo e apresentam somente exemplos retirados de textos literários, muitos deles do século passado. Cumpre ressaltar que, mesmo nessa época, já havia variação de uso entre as formas de segunda pessoa, porém esse não é o ponto a ser registrado na tradição gramatical. Dessa forma, nas gramáticas de cunho tradicional, não há espaço para a variação e mudança constantes no PB.

3 Os pronomes de segunda pessoa na prática escolar: os livros didáticos

Para refletirmos sobre a abordagem que os livros didáticos utilizados em sala de aula têm seguido, adotamos como objeto de investigação três livros de Ensino Médio usados na rede pública e privada de ensino, a saber: *Português: contexto, interlocução e sentido* (ALBUQUERQUE; ABAURRE; PONTARA, 2013), *Conecte: gramática reflexiva* (CEREJA; MAGALHÃES, 2011) e *Ser protagonista: Língua portuguesa* (RAMOS, 2013).

Albuquerque, Abaurre e Pontara (2013), para exemplificar as pessoas do discurso que os pronomes pessoais designam, apresentam uma tirinha do Rango, de Edgar Vasques, que contém as seis formas pronominais canônicas, como pode ser visto na Figura 1.

Figura 1. Tirinha com pronomes pessoais



↑ VASQUES, Edgar. *Rango*. Porto Alegre: L&PM. 2005, p. 34

Fonte: Albuquerque, Abaurre e Pontara (2013).

Após a leitura desse capítulo, verificamos que, com uma postura voltada para a visão de língua como um sistema estático e homogêneo, as autoras classificam apenas o *tu* como pronome pessoal de segunda pessoa do singular. Entretanto, a forma de referência à segunda pessoa do PB é variável: há lugares em que o *tu* é preferido, enquanto em outros ocorre maior uso de *você*.

Como citado anteriormente, Scherre et. al. (2015) apresentam seis subsistemas de pronomes de segunda pessoa. Há subsistemas em que há predomínio de *tu*, outros, com predomínio de *você* e um outro em que há apenas o pronome *você*. Há, portanto, uma lacuna entre o que é registrado por Albuquerque, Abaurre e Pontara (2013) e o que ocorre, de fato, no PB. É de suma importância a presença de um panorama geral das possibilidades de uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular nos materiais didáticos, visto que muitos estudantes têm acesso apenas às informações linguísticas que neles se encontram. Dessa maneira, é necessário que a abordagem desse conteúdo por parte dos autores de livros didáticos contemple a diversidade linguística brasileira a fim de disponibilizar aos alunos conhecimentos relativos à língua em uso e não apenas ao que é registrado pela tradição gramatical.

Cereja e Magalhães (2011), embora não incluam a forma *você* como pronome de segunda pessoa do singular, apresentam um boxe, como pode ser observado na Figura 2, no qual relatam que o tratamento pronominal ao interlocutor é variável no Brasil, bem como sugerem evitar a confluência entre as formas *tu* e *você* nas situações em que a variedade da língua empregada é a culta, isto é, a fala característica dos grupos mais favorecidos socialmente.

Figura 2. Quadro sobre a confluência de tratamento

Que forma devemos empregar: *tu* ou *você*?

As duas formas são válidas. Embora, no Brasil, a maioria das pessoas empregue o pronome de tratamento *você* para se dirigir ao interlocutor, em algumas cidades do Sul, do Norte e do Nordeste, predomina o emprego do pronome pessoal *tu*. O importante, na variedade padrão da língua, é não misturar as formas: ou se usa apenas a 2ª pessoa (*tu*) ou somente a 3ª (*você*). Na linguagem coloquial é comum haver mistura de tratamento.

Fonte: Cereja e Magalhães (2011).

É importante assinalar, contudo, que há um equívoco na classificação feita pelos autores de *você* como forma de terceira pessoa. Como sabemos, os pronomes pessoais têm a função de identificar as pessoas do discurso: quem fala (1ª pessoa), com quem se fala (2ª pessoa) e de quem se fala (3ª pessoa). Apenas a primeira e a segunda pessoas, portanto, referem-se aos participantes da situação comunicativa, isto é, ao enunciador e ao interlocutor, respectivamente. Conforme já visto, embora o *você* tenha marca morfológica zero, que é um traço de terceira pessoa, ele é usado pelos falantes para se referir ao interlocutor com quem estão interagindo, isto é, fazem referência à segunda pessoa do discurso e não a terceira, o que torna incoerente a classificação de Cereja e Magalhães (2011).

De forma semelhante a Cereja e Magalhães (2011), Ramos (2013) reconhece que *você* e *vocês* são usados no lugar dos pronomes *tu* e *vós* pela maior parte dos brasileiros, apesar de não classificar essas formas como pessoais. Além disso, o autor relata as combinações entre as formas pronominais *tu* e *você* que ocorrem no uso cotidiano:

Na fala cotidiana do português brasileiro, a forma pronominal *te*, de segunda pessoa, é usada no lugar das formas de terceira pessoa *o* e *lhe* (e suas flexões), indicando a referência à segunda pessoa com *você*. Para indicar a posse de algo por quem se fez referência com *você*, tanto se emprega *seu* quanto *teu* (e suas flexões). A norma-padrão, no entanto, prescreve a uniformidade de tratamento. Assim, junto de *você*, recomenda-se o emprego de *o*, *lhe* e *seu* (e suas variantes); *te*, *teu*, etc., acompanhariam a referência *tu* à segunda pessoa. (RAMOS, 2013, p. 236).

Gostaríamos de salientar aqui que a colocação acima feita por Ramos (2013) parece sugerir que a confluência de tratamento é circunscrita à língua falada. No entanto, sabemos que o uso de formas do paradigma de *você* associadas ao de *tu* também pode ocorrer na escrita, uma vez que diversas pesquisas sociolinguísticas vêm demonstrando ao longo dos anos que essa combinação, condenada pelas gramáticas tradicionais, ocorre há muito no PB escrito (cf. LOPES, 2007).

Em suma, ainda que os materiais didáticos comentem a presença de *você* e *vocês* no lugar de *tu* e *vós* e a confluência de tratamento na fala de grande parte dos brasileiros, observamos que esses materiais tendem a refletir a prescrição expressa pela tradição gramatical, haja vista que apresentam somente o quadro tradicional de pronomes pessoais e não fornecem explicações sobre o que ocasiona, de fato, a escolha por uma ou outra forma pronominal durante a comunicação verbal, questão que abordaremos na seção seguinte.

4 Os pronomes de segunda pessoa na prática escolar: algumas abordagens possíveis à luz da Sociolinguística

Gasparin (2002) mostra a importância de relacionar os assuntos escolares com a sua prática social, considerando os conhecimentos de mundo dos estudantes para que a aprendizagem seja significativa para eles. Segundo o autor, a problematização, que consiste em questionamentos sobre o conteúdo escolar, é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que instiga os educandos a refletirem sobre a importância social da aprendizagem de tais conteúdos. Nas palavras do autor, a problematização:

[...] é o fio condutor de todo o processo de ensino-aprendizagem. [...] É neste momento que o educando, após ter sido desafiado, provocado, despertado e ter apresentado algumas hipóteses de encaminhamento, compromete-se teórica e praticamente com a busca da solução para as questões levantadas. O conteúdo começa a ser seu. Já não é mais apenas um conjunto de informações programáticas. A aprendizagem assume, então, gradativamente, um significado subjetivo e social para o sujeito aprendente. (GASPARIN, 2002, p. 47).

Sendo assim, notamos a necessidade de os docentes conduzirem as aulas através do diálogo, instigando a participação dos alunos com perguntas que contemplem seus conhecimentos prévios e sua prática social, haja vista que, dessa forma, os educadores proporcionarão aos estudantes um papel ativo na construção dos saberes, reconhecendo seus esforços espontâneos e as suas experiências coletivas.

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, especificamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) defendem que sejam apresentadas aos educandos tanto a norma padrão da língua – variedade ligada à tradição gramatical – quanto as diversas variedades linguísticas que os falantes utilizam em diferentes situações comunicativas:

O desenvolvimento da competência linguística do aluno no Ensino Médio, dentro dessa perspectiva, não está pautado na exclusividade do domínio técnico de uso da língua legitimada pela norma padrão, mas, principalmente, no saber utilizar a língua, em situações subjetivas e/ou objetivas que exijam grau de distanciamento e reflexão sobre contextos e estatutos de interlocutores – a competência comunicativa vista pelo prisma da referência do valor social e simbólico da atividade linguística e dos inúmeros discursos concorrentes. (BRASIL, 2000, p. 11).

No entanto, o ensino de Língua Portuguesa realizado na educação básica, muitas vezes, limita-se ao conteúdo existente nos materiais didáticos. Em relação ao ensino dos pronomes de segunda pessoa do singular, conforme visto nas seções 3 e 4, esses materiais nem sempre reconhecem a forma *você* como pronome pessoal e nem sempre trazem notas acerca da possibilidade do uso variável *tu/você*. Em virtude disso, não é difícil encontrar professores que apresentam aos alunos somente o *tu* como pronome pessoal de segunda pessoa do singular, nem mesmo encontrar alunos que reproduzam essa informação nas atividades escolares como se fosse uma verdade única e absoluta.

Levando em consideração o contexto linguístico da comunidade de Vitória/ES, por exemplo, no qual não há uso do *tu*, podemos dizer que essa abordagem tradicionalista não é eficaz, pois o quadro tradicional dos pronomes não reflete a realidade cotidiana dos estudantes capixabas, que não utilizam o pronome *tu* para se referir ao interlocutor nas situações reais de comunicação das quais participam (CALMON, 2010). Assim sendo, é notória a importância do reconhecimento da forma *você* como pronome pessoal de segunda pessoa do singular do caso reto por parte dos professores de Língua Portuguesa, pois no processo de ensino-aprendizagem “é necessário levar em conta tanto as exigências da sociedade quanto as condições institucionais que estão dadas”, [...] uma vez que “o conteúdo escolar será sempre um instrumento de compreensão da realidade em que aluno e professor estão inseridos” (GASPARIN, 2002, p. 37-38).

Sob essa perspectiva, ao ensinar os pronomes de segunda pessoa do singular, é necessário trabalhar com as formas pronominais antigas e atuais (LOPES, 2007; COELHO et al., 2015), refletindo sobre os fatores que condicionam o emprego das variantes *tu*, *você*, *cê* e *ocê*, bem como os seus significados sociais. Dessa maneira, além de apresentar os pronomes utilizados no Brasil, defendemos que as discussões em sala de aula contemplem a importância de aspectos linguísticos, como o preenchimento do sujeito, e extralinguísticos, como o interlocutor, o tópico discursivo e o sexo/gênero, na escolha de uma ou outra forma linguística.

Para ilustrar essas quatro dimensões do uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular que podem ser abordadas no ensino escolar, apresentamos dados da pesquisa sociolinguística de Scardua (2015), que analisa cartas pessoais de Oswald Cruz Guimarães, escritas nos anos de 1915-1917, 1919 e 1925-1928. Cumpre pontuar aqui

que a escolha de exemplificar o que é importante no emprego dos pronomes de segunda pessoa do singular por meio de cartas de períodos históricos pretéritos se deu por dois motivos: (1) para demonstrar, mais uma vez, que a variação *tu/você* ocorre há muito na língua; (2) para mostrar aos docentes, mesmo que indiretamente, que, além do texto literário, há outros materiais, como cartas pessoais e jornais antigos, que podem ser usados durante as aulas de Língua Portuguesa para comparar o uso desses pronomes no passado e no presente.

O missivista, Oswald Cruz Guimarães, é filho de Antenor Guimarães e Anna Cruz Guimarães. Nascido na cidade de Vitória/ES em 1896, Oswald foi casado com sua prima de primeiro grau, Hilda Mattos Guimarães, com quem teve dois filhos: Hildewald e Antenor. Trabalhando na logística marinha da empresa do pai, nomeada Antenor Guimarães & Cia, Oswald prestava serviços para o Governo do Estado. Além disso, foi vice-presidente da Associação Comercial de Vitória e prefeito de Vitória de agosto de 1958 a janeiro de 1959. Apesar de não possuir ensino universitário, O. Guimarães fazia parte da elite capixaba e ocupava importante posição social.

O foco do trabalho de Scardua (2015) é a análise da alternância entre *tu* e *você* em 60 missivas que Oswald Cruz Guimarães enviou para amigos e familiares durante o início do século XX. Entretanto, além das formas pronominais, a pesquisadora encontrou formas nominais de referência ao interlocutor, a saber, *senhor(a)* e *amigo*. Scardua (2015) verificou, portanto, que o interlocutor é um fator importante na escolha da forma de referência à segunda pessoa, uma vez que seus resultados evidenciaram que o missivista utiliza *tu* e *você* somente nas relações simétricas familiares, restringindo as formas nominais *amigo* e *senhor*, respectivamente, às relações de amizade e em atos diretivos assimétricos, de mais jovens para mais velhos, como pode ser visto na Tabela 1. À vista disso, é importante que os docentes esclareçam para os alunos que a escolha por *tu* ou *você* não é apenas regional, mas também interacional, uma vez que a escolha das formas de tratamento ao interlocutor depende diretamente do tipo de relação interpessoal estabelecida entre os participantes da interação. Dito de outro modo, a forma de referência à segunda pessoa utilizada em relações assimétricas de inferior para superior ou de mais jovens para mais velhos pode ser diferente da usada em relações simétricas entre iguais ou em relações assimétricas de superior para inferior ou de mais velhos para mais jovens.

Tabela 1. Distribuição das formas de referência à segunda pessoa de acordo com as relações interpessoais – cartas da família Guimarães

Interlocutor	Grau de parentesco	Frequência de <i>tu</i> [%]	Frequência de <i>você</i> [%]	Frequência de <i>senhor</i> [%]	Frequência de <i>amigo</i> [%]
Hylida	Esposa	139/190 = 73,2%	51/190 = 26,8%		
Alcides	Irmão	2/3 = 66,7%	1/3 = 33,3%		
Antenor	Pai			12/12 = 100%	
Ana	Mãe			1/1 = 100%	
Azamor	Tio			16/16 = 100%	
Jeronymo	Amigo				2/2 = 100%
Jayme	Amigo				2/2 = 100%
Total		141/226 = 62,4%	52/226 = 23,0%	29/226 = 12,8%	4/226 = 1,8%

Fonte: Scardua (2015).

O preenchimento do sujeito é uma das questões que não costuma ser abordada no ambiente escolar, mas que desempenha um papel importante na escolha pronominal. Considerando apenas as formas pronominais obtidas nas missivas de Oswald para Hylida, os resultados das cartas da família Guimarães, assim como os de outras pesquisas sociolinguísticas (LOPES; MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; LOPES; RUMEU; MARCOTULIO, 2011; SILVA, 2012), demonstram que a forma nula favorece o *tu*, expresso pela morfologia verbal, ao passo que a expressa o desfavorece fortemente, como indicado na Tabela 2. Sendo assim, acreditamos que os docentes devam mostrar que há uma sistematização no PB em relação ao efeito dessa variável linguística, propondo atividades que contemplem essas tendências e, por conseguinte, estimulem os alunos a refletirem sobre o motivo pelo qual é mais provável encontrar dado pronome em cada um desses contextos.

Tabela 2. Efeito do preenchimento do sujeito no uso de *tu vs você* – cartas da família Guimarães

Preenchimento do sujeito	Frequência de <i>tu</i> [%]	Frequência de <i>você</i> [%]	Peso relativo dos fatores
Nulo	134/156 = 85,9%	22/156 = 14,1%	0,665
Expresso	4/33 = 12,1%	29/33 = 87,9%	0,038
Total	138/189 = 73,0%	51/189 = 27,0%	
Significância			0,019

Fonte: Scardua (2015).

O tópico discursivo é outro aspecto que não é abordado em gramáticas tradicionais e em materiais didáticos, mas que foi constatado por Scardua (2015) como importante na alternância *tu/você*. Conforme Koch (1992), o tópico discursivo consiste no assunto abordado pelos interlocutores durante a interação comunicativa. A seguir, apresentamos alguns trechos extraídos das missivas analisadas por Scardua (2015) para exemplificar os tópicos controlados:

NOTÍCIA: Trechos em que Oswald relata sua rotina diária

- (5) “O Nunes fechou a casa do Benezath por 40 contos à vista e 20 à praso. (...) **Você** vae achar grande diferença, embora ainda não esteja em condições de se apreciar porque tem muita casa no chão, em obras etc”. (Carta para a esposa, datada de 08 de abril de 1925).

AMOR: Trechos que contém declarações de amor de Oswald para Hylde

- (6) “**OSabes** perfeitamente qual o sonho a que me refiro: não é mais que a nossa união, abençoada por todos os nossos parentes”. (Carta para a esposa, datada de 05 de julho de 1916).

PEDIDO: Trechos em que Oswald faz pedidos ou solicita alguns favores à Hylde

- (7) “Veja se algumas vezes na semana faz uns cartões dando noticias quase diárias, tuas e delle, para meu socego. Sendo cartões **Opoderás** escrever e quando não **Opuderes**, não falta gente ahi”. (Carta para a esposa, datada de 08 de abril de 1925).

CRÍTICA: Trechos em que Oswald reclama/critica atitudes de Hylde

- (8) “**Você** não tem nada que mandar diser ao Alcides, | pois, do contrário vira o feitiço contra o feiticeiro. (...) E depois **Ojá** sabe: puxão de orelhas quando eu chegar ahi”. (Carta para a esposa, datada de 05 de maio de 1917).

Como pode ser observado na Tabela 3, Scardua (2015) verificou que os assuntos classificados como amor e pedido (0,763), índices de mais proximidade interacional, favorecem o uso do pronome *tu*, ao passo que os classificados como notícia e crítica (0,425), índices de menos proximidade interacional, desfavorecem-no. A partir desses resultados, a pesquisadora chega à conclusão que, nas cartas de Oswald, o pronome *tu* é usado em circunstâncias de intimidade e o *você* em contextos de distanciamento, posto que o primeiro é empregado apenas para membros da família com os quais o missivista possui relação simétrica e, o segundo, em situações de crítica, marca indiretividade. Dito de outra forma, por ser advindo da forma de tratamento *Vossa mercê*, o pronome *você* pode funcionar como uma estratégia de atenuação de atos de fala impositivos, tornando-os menos diretivos, menos invasivos e mais respeitosos.

Tabela 3. Efeito da variável tópico no uso dos pronomes
tu vs você – cartas da família Guimarães

Tópico discursivo	Frequência de <i>tu</i> [%]	Frequência de <i>você</i> [%]	Peso relativo dos fatores
Amor/ pedido	34/39 = 87,2%	5/39 = 12,8%	0,763
Notícia/ crítica	104/150 = 69,3%	46/150 = 30,7%	0,425
Total	138/189 = 73,0%	51/189 = 27,0%	
Significância			0,019

Fonte: Scardua (2015).

Pesquisas sociolinguísticas realizadas com dados de fala também têm indicado a alternância de *tu/você* atualmente ao longo do território brasileiro. No Rio de Janeiro, Lopes et. al. (2009) identificaram que o *você* é uma forma mais neutra, ao passo que o *tu* marca proximidade e identidade social. De maneira análoga, na Paraíba, Bezerra (1994) e Pedrosa (1999) verificaram frequências maiores de *tu* sem concordância em situações de maior intimidade. No Rio Grande do Sul, Loregian-Penkall (2004) observa que o *você* é pouco empregado, sendo mais comum o uso de *tu* sem concordância em contextos de proximidade e de *tu* com concordância em contextos de distanciamento. Dessa forma, consideramos de grande relevância o debate sobre o uso semântico-pragmático que esses pronomes tinham e que têm atualmente nas diversas cidades brasileiras, uma vez que são uma das estratégias linguísticas que podem ser utilizadas pelos indivíduos para garantir uma relação harmoniosa durante a interação verbal.

Consideramos, também, que outro assunto a ser abordado ao se tratar esse conteúdo escolar é se esses pronomes são utilizados da mesma forma por pessoas do sexo/gênero masculino e feminino no território brasileiro, já que as pesquisas sociolinguísticas têm mostrado que o comportamento linguístico de homens e o de mulheres tendem a se diferir.

Scherre e Yacovenco (2011), ao discutirem a influência do sexo/gênero na variação linguística, observam que as mulheres apresentam um duplo comportamento: ora as mulheres usam mais o pronome *tu* do que os homens, ora usam menos. De acordo com as sociolinguistas, quando o *tu* é marca de identidade geográfica e é de fácil registro (regiões Sul, Nordeste e Norte), as mulheres utilizam em sua fala mais esse pronome do que os homens. Já quando o *tu* é marca interacional e de difícil registro (regiões Sudeste e Centro-Oeste), as mulheres possuem taxas de frequência inferiores às dos homens. Segundo as autoras, as mulheres estão atentas a formas menos marcadas, daí usarem formas que são mais frequentes em cada comunidade. Acreditamos que reflexões dessa natureza são de grande importância por permitirem tanto discussões do conteúdo linguístico quanto de outros aspectos que orientam esse e vários outros fenômenos variáveis, tais como o prestígio, o princípio da marcação e o papel que homens e mulheres exercem na sociedade (cf. SCHERRE; YACOVENCO, 2011).

Outra discussão a ser contemplada na sala de aula é a confluência de tratamento, que foi encontrada em diversas pesquisas sociolinguísticas de períodos históricos passados. No *corpus* da família Guimarães, Scardua (2015) encontrou a alternância entre as formas *tu* e *você* e suas respectivas formas oblíquas em uma mesma missiva, como mostram os exemplos de (5) a (9):

- (9) Espero que não **ficarás** sangada comigo (...) Era minha intenção escrever (...) afim que Ella tirasse um retrato (...) e conseguisse que **V.** tirasse outro (...) Muito **te** agradecerei (Carta Oswald Cruz Guimarães para a esposa Hylda Mattos Guimarães, datada de 5 de julho de 1916).
- (10) **Tinhas** um novo pentea-|do de que não gostei. Pedi que conservasse o | actual pois era verdadeiramente chic e | assentava muito bem em **V.** (Carta Oswald Cruz Guimarães para a esposa Hylda Mattos Guimarães, datada de 18 de julho de 1916).
- (11) Tenho sempre falado | a ela sobre **V.** Ainda hoje não | tendo estado com ella, mandei as | **suas** lembranças por Tina. | Creio que nada tenho para escrever-| **te** hoje. (Carta Oswald Cruz Guimarães para a esposa Hylda Mattos Guimarães, datada de 18 de agosto de 1916).

- (12) Estou cansado de **te** convidar para vir aqui. | A nossa casa também é **tua** e ninguém sabe | disso melhor do que **você**. Aqui não **pedirás**: | **ordenarás**. (Carta Oswald Cruz Guimarães para a esposa Hylda Mattos Guimarães, datada de 5 de maio de 1917).
- (13) **Você** confessa que eu tenho razão | e eu ontem **te** pedi desculpas de ter escripto com um | pouco de energia. Estamos pagos assim, não é? (Carta Oswald Cruz Guimarães para a esposa Hylda Mattos Guimarães, datada de 15 de maio de 1917).

De acordo com Scardua (2015), podemos verificar a confluência de tratamento no uso do pronome *te*, que ora se associa a *tu* ora a *você*, como aponta a Tabela 4.

Tabela 4. Distribuição dos pronomes *tu* e *você* segundo a função sintática – cartas da família Guimarães

Função sintática	Frequência de <i>tu</i> [%]	Frequência de <i>você</i> [%]
Sujeito	138/189 = 73,0%	51/189 = 27%
Complemento expresso na forma reta	3/13 = 23,1%	10/13 = 76,9%
<i>Te</i>	76/91 = 83,5%	15/91 = 16,5 %
Total		

Fonte: Scardua (2015).

Tratada como mistura de tratamento pelos gramáticos tradicionais e rejeitada pelos livros didáticos na modalidade escrita, essa confluência acontece há muito no PB, conforme é apresentado por Lopes (2007). Sabemos que a escrita, assim como a fala, possui gêneros textuais de diferentes graus de formalidade, sendo perfeitamente possível e aceitável a combinação de *você* com formas do paradigma *tu* também nessa modalidade da língua. As cartas pessoais, os bilhetes, as mensagens instantâneas de *whatsapp* ou *messenger* destinadas aos amigos e familiares, por exemplo, são, nos termos de Bakhtin (2003), gêneros discursivos primários, isto é, eles se enquadram num contexto de produção informal e espontâneo, o que permite a presença, simultaneamente, de diversos tipos de assuntos, assim como a confluência pronominal.

Dessa maneira, à luz das discussões acima empreendidas, sugerimos, em consonância com Lopes (2007), que na prática escolar seja apresentado e discutido o novo funcionamento do quadro pronominal do PB, exposto no Quadro 3, juntamente com a reflexão sobre os fatores internos e externos à língua que regem a escolha desses pronomes, o que costuma ser desconsiderado pela tradição gramatical e pelos livros didáticos.

Quadro 3. Lista atual dos pronomes pessoais

Pessoa do discurso	Pronome sujeito	Pronome comp. direto	Possessivos
P1	Eu	Me	Meu, Minha
P2	Tu, Você	Te, Lhe, (Se), Você	Teu, Tua, Seu, Sua, de Você
P3	Ele, Ela	O, A, (Se), Lhe, Ele(a)	Seu/Sua/Dele(a)
P4	Nós, A gente	Nós, A gente	Nosso(a), dA gente
P5	Vocês	Vocês, Lhes, Se	Seu(s), Sua(s), de Vocês
P6	Eles/Elas	Os, As, (Se), Lhes, Eles(as)	Seu(s), Sua(s), Deles(as)

Fonte: Lopes (2007).

Por fim, gostaríamos de ressaltar que o material do missivista capixaba aqui utilizado demonstra que, no início do século XX, predominava o uso de *tu* (73%) em sua escrita, fato que difere demasiadamente da realidade linguística atual de Vitória/ES, visto que, como mencionado anteriormente, os falantes capixabas não empregam o pronome *tu* para se referir ao interlocutor. Será que o *tu* existiu somente na escrita ou também existiu na fala capixaba? Ainda não encontramos registros que permitam ampliar essa discussão, mas a presença do pronome *tu* nas cartas de Oswald demonstra, mais uma vez, que é papel dos docentes de Língua Portuguesa apresentar, discutir e refletir com os alunos a mudança do sistema linguístico, considerando a heterogeneidade linguística brasileira.

Considerações finais

No presente trabalho buscamos mostrar como gramáticas tradicionais e livros didáticos abordam os pronomes de segunda pessoa do singular e apresentar algumas discussões passíveis de serem implementadas durante as aulas de Língua Portuguesa. Notamos que as gramáticas tradicionais e os livros didáticos, baseados na concepção de língua como sistema homogêneo e invariável, expõem o quadro pronominal tradicional e tecem comentários superficiais acerca do uso de *você*, abordagem que não reflete a realidade de diversos falantes brasileiros, como a dos moradores de Vitória/ES (cf. CALMON, 2010; SCHERRE et al., 2015), que não utilizam o *tu*, único pronome reconhecido como de segunda pessoa do singular por esses compêndios.

Sendo assim, consoante com as ideias de Lopes (2007) e de Coelho et al. (2015), acreditamos que é de suma importância que os docentes considerem, em sua prática

regente, a heterogeneidade linguística existente no Brasil, apresentando a mudança do sistema pronominal e, por conseguinte, refletindo sobre seu novo funcionamento. Além disso, entendemos que também é necessária a discussão sobre os aspectos linguísticos e extralinguísticos que governam a variação pronominal de segunda pessoa para que os estudantes tenham consciência que a alternância *tu/você* não é aleatória nem apenas regional, mas também interacional.

Referências

- ALBUQUERQUE, M. M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. *Português: contexto, interlocução e sentido*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2013.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEZERRA, M. A. Uso de *tu/você* em interações infantis. *Letras*, Campinas, v. 1, n. 13, p. 96-118, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares (ensino médio): Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2015.
- CALMON, E. N. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Conecte: gramática reflexiva*. São Paulo: Saraiva, 2011.
- CINTRA, L. F. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; NUNES DE SOUZA, C. M.; MAY, G. H. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FARACO, C. A. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, n. 13, Curitiba, p. 51-82, 1996.
- GASPARIN, J. L. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores associados, 2002.
- KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. Devossa mercêa você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-fólio, 2003, p. 61-76.

LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. dos S. (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005, p. 45-66.

LOPES, C. R. S. Pronomes. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-114.

_____. Retratos da variação entre *você* e *tu* no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, v.2, 2008, p. 55-71.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L.; SILVA, A. dos S.; SANTOS, V. M. dos. Quem está do outro lado do túnel? *Tu* ou *Você* na cena urbana carioca. *Neue Romania*, Berlim, v. 39, p. 49-67, 2009.

LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C. de B.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. In: COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (Org.). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011, p. 315-348.

LOREGIAN-PENKAL, L. (Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, 2004.

MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics*. London/New York: Routledge, 2006.

PEDROSA, J. L. R. Concordância verbal com o pronome *tu* na fala pessoense. In: *Anais do Congresso da Abralín*, 1999.

RAMOS, R. A. *Ser protagonista: língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2013.

ROCHA LIMA, L. E. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.

RUMEU, M. C. de B. *A implementação do “Você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. 2008. 276f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. A variação “*tu*” e “*você*” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 57, São Paulo, p. 545-576, 2013.

SCARDUA, J. R. *Variação nos pronomes de segunda pessoa no português capixaba: cartas pessoais do século XX*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. *Revista da ABRALIN*, p. 121-146, 2011.

SCHERRE, M. M. P. et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M.A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.

SILVA, P. F. da. *O tratamento no início do século XX: uma análise sociopragmática das cartas da família Land Avellar*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

Data de submissão: 01/08/2017

Data de aceite: 20/11/2017